

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE TRABALHO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA POÉTICA DE CORA CORALINA

ALINE BRUSTELLO PEREIRA¹
CLEUDEMAR ALVES FERNANDES²

Abstract

The central theme of this research is the study of Discourse, History and Work, considering the historical events like occurrence that constitute the language, in the book *Meu Livro de Cordel*, by Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, wellknown Cora Coralina. In this work we use the Knowledge of French Discourse Analyses, considering the infinity of the discourse and the movements of words in its significance, within the change of its meanings from the change of position of the ones who use it. In this sense, the identity construction is constitute of interaction of subject and society, always being modifying because of the culture and the lots of identities it produced. Therefore, the identity formation of the word Work, done by a woman, a famous writer, a member of Academia Feminia de Letras e Artes de Goiás, whose poetry is known as historical poetry, of high importance to know the brazilian society. Afterall, the objective of this research was to analyse the realization of the word Work, its meanings, the social, the politics and ideological, then, show the construction of the identity of this word, in Cora Coralina's poetics.

Resumo

O tema central deste empreendimento é o estudo da relação Discurso, História e Trabalho, considerando os eventos históricos como acontecimentos que se constituem na linguagem e, por assim dizer, na obra *Meu Livro de Cordel, de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, Cora Coralina*. O trabalho ora proposto integra conhecimentos de Análise do Discurso de linha francesa, considerando a incompletude do discurso e os movimentos da palavra, isto é, a mudança de sentidos da palavra em decorrência da mudança de posição daqueles que a emprega. Nesse sentido, a construção da identidade se dá pela interação entre o sujeito e a sociedade, sempre se modificando perante às culturas existentes e as variadas identidades que estas oferecem. Nesse ínterim, a formação da identidade da palavra *trabalho*, posta por uma mulher, escritora consagrada, membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, cuja poesia é comumente referida como poesia telúrica, poesia histórica, se torna de suma importância para um maior conhecimento da sociedade brasileira. Conhecer Cora Coralina é conhecer um pouquinho da terra e da gente de Goiás velha. Desse pressuposto, os objetivos deste trabalho foram analisar as formas de realização de *trabalho*, os sentidos, os preceitos (sociais, políticos e ideológicos), para, então, explicitar a construção identitária desta palavra, na obra literária supracitada, *corpus* de nosso empreendimento.

¹ Aluna de graduação do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia - alinebrustello@gmail.com.

² Professor Adjunto do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia - cleudemar@ufu.br.

Introdução

Numa ânsia de vida eu abria
o vôo nas asas impossíveis
do sonho.

Venho do século passado.
Pertencço a uma geração
ponte, entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.
Entre a monarquia
caída e a república que se instalava.

(Cora Coralina, 1976)

O estudo que ora se apresenta destina-se a explicitar a identidade de *trabalho* na formação discursiva que integra a produção literária poética de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, pseudônimo Cora Coralina, a partir das acepções teóricas da Análise do Discurso de linha francesa. Procederemos à análise dos poemas “O Cântico da Terra” (Hino do Lavrador), “Era uma vez em Jabuticabal” e “Pão-Paz”, todos contidos no livro intitulado *Meu Livro de Cordel*. A análise destes poemas visa a abordar a heterogeneidade, a polifonia, a constituição do discurso e do sujeito na perspectiva da AD. Para tal intento, iniciaremos buscando compreender os termos essenciais desse campo de conhecimento, tendo em vista a sustentação teórica de nosso estudo. Desse modo, elencaremos conceitos integrantes da teoria da Análise do

Discurso, tais como: Formação Discursiva, Sujeito, Memória, entre outros que se fizerem necessários, a fim de buscar uma sustentação para a análise dos poemas apresentados, logo após nossa Fundamentação Teórica.

Discurso: o social, o histórico e o ideológico na linguagem.

Para entendermos as acepções teóricas da Análise do Discurso, devemos primeiramente, entender seu objeto de estudo, o *discurso*. Para tanto, vejamos como expõe Fernandes (2005, p.20):

Discurso não é a língua, nem o texto, nem a fala, mas que necessita de elementos lingüísticos para ter uma existência material, discurso implica uma existência à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüísticas. Os aspectos sociais e ideológicos estão impregnados nas palavras quando elas são proferidas.

Desse modo, podemos dizer que a todo momento em nosso cotidiano estamos, a partir da linguagem, inscritos em lugares socioideológicos, por isso dizemos que discurso não é a língua, mas ela é sua possibilidade de existência, ou sua forma material. As escolhas lexicais e sintáticas que fazemos ao falar revelam a presença de ideologias que se opõem, igualmente, a presença de diferentes discursos, o que implica a exposição do sujeito acerca de um determinado tema. Dessa forma, os sujeitos em interlocução produzem sentidos que fogem a seu controle.

Nesse contexto, a noção de *sentido* ou *efeito de sentido* integra a noção de discurso. Os sentidos são produzidos através da ideologia dos sujeitos, da forma como eles vêm a realidade política e social da qual fazem parte. Assim, não há como falar em discurso sem considerar os elementos que existem no social, as ideologias e a História. Essas considerações nos fazem pensar que discurso não é transparente, possui uma multiplicidade de sentidos, e não é fixo, sofre transformações juntamente às transformações sociais e políticas que acontecem na sociedade. De acordo com a proposta de Pêcheux (1999), “no discurso não vamos achar transparência, mas opacidade e um certo mutismo”.

Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológicos daqueles que a emprega. (FERNANDES, 2005, p.22)

Desse pressuposto, o sentido é dependente da inscrição ideológica dos sujeitos. No espaço social, onde se encontra o discurso, há várias e diferentes posições que se contrastam, isto é, há diferentes discursos concomitantes. Esse aspecto decorre das diferenças concernentes às inscrições ideológicas do sujeito, que, ao enunciar se posiciona em *um* lugar socioideológico e enuncia a partir de sua inscrição ideológica, refletindo discursos que existem(tiram). Os discursos, por sua vez, encontram-se na exterioridade do lingüístico, isto é, no social e no ideológico que os constituem, e que possuem existência na História.

Se o discurso faz sentido através da ideologia, podemos dizer que a ideologia é inerente ao discurso e, por assim dizer, que a língua, como discurso, se insere na história para produzir sentido. Nessa linha epistemológica, as condições de produção fazem menção essencialmente aos sujeitos, às formações ideológicas que os interpelam, e à situação social, o

Histórico, que são materializados na linguagem.

Nesse ínterim, a noção de sentido será concebida através da ideologia presente na enunciação, do lugar histórico social de onde se enuncia, ou seja, o contexto e a situação, que possibilitam a produção do discurso. A esses aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso é o que chamamos de Condições de Produção.

O Sujeito e sua constituição na Análise do Discurso.

Como agente do discurso, o sujeito na perspectiva em discussão, remonta à perspectiva de discurso arrolada anteriormente, isto é, se o discurso encontra-se no social, o sujeito discursivo também há de ser considerado um ser social, o que significa dizer que ele será sempre apreendido em um espaço coletivo. Assim, o sujeito não será fundamentado em um “eu” individualizado, mas um sujeito que existe no meio social e ideológico, em dado momento da história. Quando o sujeito se expressa, ele revela o lugar social que integra e sua voz constitui as diferentes vozes

(diferentes discursos) que integram sua realidade sócio-histórica.

Não é vigente para a Análise do Discurso, a noção de sujeito psicológica, de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo. Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do diz. Ele é materialmente constituído desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado pois, se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (ORLANDI, 1999)

Nesse sentido, o sujeito constituído a partir da aceção teórica da Análise do Discurso se contrapõe ao sujeito constituído na Lingüística Geral. O sujeito da Lingüística, em geral, é considerado de forma idealizada, como um “sujeito falante”, um indivíduo que, dada a sua natureza psicológica possui a capacidade para aquisição da língua, o que determina as formas de seu dizer é o contexto sociocultural e ideológico a que se insere. Na Análise do Discurso (doravante AD), como atesta Fernandes (2005), considera-se o “sujeito falando”, que, compreendido em um espaço coletivo, não é um eu individualizado, insere-se em uma conjuntura sócio-histórico-ideológica, cuja voz é constituída de diferentes vozes sociais.

Dessa forma, consoante com Fernandes (2005), no discurso de um sujeito existe vários outros discursos, ou da voz de um sujeito ecoam várias outras vozes, tal fato denomina-se *polifonia* (poli: muitos; fonia: vozes). Nessa linha de raciocínio, temos um sujeito constituído pela *heterogeneidade*, ou seja, um ser que se constitui a partir de diferentes elementos, ao que diz respeito a sua interação entre o “eu” e o “outro”, entre o eu, o próprio sujeito, e o outro, o mundo social que ele integra. Esse sujeito é, então, descentrado e subjetivo.

Além da noção de sujeito descentrado, subjetivo, polifônico, heterogêneo, há, adjunto a esses elementos, um viés psicanalítico. Como considera Freud, as manifestações do sujeito fogem a sua consciência, e se mostram através do inconsciente por formas de escapes. Contudo, o inconsciente dá espaço à manifestação do desejo, e sempre está em atuação por meio da linguagem. A partir dessa consideração, encontramos na literatura da AD, que a produção de sentido está fora do alcance do sujeito, o sujeito possui a ilusão de controlar o que diz, o que é necessário para que ele se sinta o centro de seu dizer, entretanto, a produção de sentido se dá fora do controle do sujeito.

O sujeito discursivo é um sujeito heterogêneo, se constitui por vários elementos. Observa-se uma existência ideológica, que, por sua vez, inscreve-se histórico-socialmente, desse modo, é um sujeito descentrado, construído entre o “eu” e o “outro”, que manifesta seus desejos através do inconsciente, além disso, é polifônico e subjetivo.

A Construção Identitária: a ideologia e o descentramento do sujeito.

Uma vez que a identidade é abstraída a partir da forma que o sujeito é interpelado ou representado, o que se coloca em jogo, nesse caso, é a sua forma de se expressar, ou seja, de se pronunciar, que acontece por meio do discurso. O sujeito, conforme assinalado, assume um lugar sócio-histórico e se inscreve ideologicamente. Nesse sentido, uma primeira forma de se identificar o sujeito é a partir de sua ideologia, que se materializa no discurso, mais precisamente: “é a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma greve, etc.” (Pêcheux, 1988).

Entretanto, o processo identificatório, assim como o sujeito,

resulta de uma estrutura complexa. A partir do descentramento do sujeito, podemos dizer que ele se constrói subjetivamente; isso significa dizer que o sujeito se compreende através do seu próprio “eu” e o “outro”, seu exterior, a sociedade, ou seja, o poder, os valores e o simbólico. Como afirma Hall (2005, p. 11):

o núcleo interior do sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas é formado na relação com outras pessoas, o que media ao sujeito os valores, os sentidos e símbolos – a cultura.

Dessa forma, a cultura é ocupada pela subjetividade do sujeito, que vem a ser uma subjetivação social e por vezes inconsciente, marcada pelas raízes culturais. Nesse sentido, a identidade preenche o espaço entre o interior e o exterior do sujeito. Isso significa que os sujeitos, ao mesmo tempo em que internalizam a cultura, seus significados e valores, se projetam nela, o que contribui para alinhar os sentimentos subjetivos do sujeito com seus lugares reais, ou objetivos, que ocupam no mundo sociocultural. Nessa acepção:

a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num longo e contínuo diálogo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2005, p. 11)

Em constante transformação, a identidade constitui-se através de vários pontos de subjetivação, pelos quais o sujeito se desloca. Produto de uma contradição, entre o “eu” e o “outro”, o sujeito, assim como sua identidade, está em constante processo de produção e transformação, marcado por espaços em que seu inconsciente se extravasa. A inscrição ideológica dos sujeitos constitui sua identidade, na exterioridade social, pela interação entre os sujeitos, e se relaciona com a descontinuidade da história.

Formação Discursiva: a memória discursiva, o interdiscurso e a relação sentido x memória.

Como expusemos anteriormente, os efeitos de sentidos são decorrentes dos conflitos oriundos dos espaços de enunciação, dos lugares sociais assumidos pelos sujeitos socialmente organizados. Os sujeitos se posicionam de forma diferente acerca de um mesmo tema, demonstrando posições ideologicamente definidas. Diante disso, ocorre a formação de diferentes discursos que integram os processos de formação e transformação sociais.

Uma formação discursiva revela formações ideológicas que a integram. O entrecruzamento de diferentes

discursos e formações ideológicas constitui uma formação discursiva; portanto, uma formação discursiva apresenta em seu interior, a presença de vários discursos, que, dentro das acepções teóricas da AD, denomina-se *interdiscurso*. Referimo-nos ao que Pêcheux (1998) denomina *interdiscursividade*, que constitui o entrelaçamento de diferentes discursos, vindos de diferentes momentos da história e de diferentes lugares sociais.

Nesse contexto, uma formação discursiva contém discursos vindos de outras formações discursivas, que por vezes se contradizem. Observamos que os discursos, assim como os acontecimentos, se dispersam na História, retornando em novos acontecimentos, compondo um novo sentido. Podemos compreender, desse modo, o surgimento de novos cenários socialmente organizados, sempre passando por transformações, através da transitoriedade que determina o indivíduo na História.

O autor supracitado mostra ainda que o discurso nos possibilita compreender as mudanças histórico-sociais, bem como a combinação de diferentes discursos em determinadas condições sociais, que resulta na produção de um outro discurso. Nesse ínterim, como apresenta Fernandes

(2005), o aspecto histórico é decorrente da interação social entre os sujeitos, sempre em movimento, descontinuamente no tempo, que proporciona a constituição de novos sujeitos (grupos sociais). Portanto, a interação social envolve a produção de discurso, ou, prática discursiva.

Podemos dizer, então, que uma formação discursiva é constituída de diferentes discursos, nunca é homogênea e nunca será completamente apreendida, pois se caracteriza pela incompletude, advinda de sua própria dispersão histórica. Entretanto, um enunciado nunca será o mesmo, tendo em vista as inscrições ideológicas dos sujeitos em diferentes formações discursivas e as diferenças de sentido daí decorrentes. Os efeitos de sentido encontrados em uma enunciação asseguram uma unidade em discursos que se contradizem.

A noção de unidade discursiva está vinculada à dispersão no tempo e à descontinuidade da História. Como expõe Fernandes (2005. p. 52):

todo discurso resulta de um já dito (não sabido, apagado) e esse já dito é sempre um jamais dito. Tudo que foi/é enunciado, secretamente silencia-se na dispersão temporal e, pela descontinuidade na História, renuncia a temas e acontecimentos que, como discursos, permanecem apagados, perdidos no tempo em

decorrência das transformações histórico-sociais que ocorrem. Porém, esse já dito, como continuidade de acontecimentos discursivos que se dispersam no tempo.

Desse modo, formação discursiva refere-se ao que só pode ser dito em determinada época e situação social, a partir de condições de produção específicas, definidas historicamente. Porém, no interior de uma formação discursiva há elementos vindos de diferentes situações sociais, em outros momentos históricos, que se fazem presentes a partir de novas condições de produção, constituindo novos efeitos de sentidos.

Assim, o que faz ocorrer os movimentos de sentido é a História e a Memória, aqui chamada de memória discursiva. A memória discursiva se distingue da forma de memória que se costuma ver como memória individual, ou neurofisiológica de um sujeito. Remontando à perspectiva discursiva, memória trata-se de um corpo sócio-histórico-cultural, ou seja, é uma memória apreendida no espaço social constituinte da interação entre os sujeitos, isto é, é uma memória social, coletiva:

Não se trata de uma memória psíquica ou neurofisiológica, mas da memória social, memória coletiva, se inscreve como um

conjunto de traços discursivos. Os sentidos se constituem de materialização do histórico nas formas lingüísticas, o interdiscurso oculta e revela significados. (Gregolin, 2002)

Podemos dizer que os sentidos são condicionados pelo modo com que os discursos se inscrevem na língua e na história, conseguindo, assim, significar. A memória discursiva trata-se de um saber que possibilita que as nossas palavras façam sentido. Isto ocorre porque algo foi falado, em outro lugar, de forma independente do discurso que é proferido na atualidade. Corresponde a palavras já ditas e esquecidas, mas que continuam presentes e nos afetam em sua qualidade de *esquecimento*:

Saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo de memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro. (ORLANDI, 1999)

Nesse sentido, a memória discursiva nasce da possibilidade de toda formação discursiva produzir e operar formulações anteriores, que já foram feitas, enunciadas. Em outras palavras, a memória discursiva permitirá na infinita rede de formulações o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados que

pertencem a formações discursivas posicionadas historicamente.

O discurso significa por sua inscrição e pertencimento a uma dada formação discursiva historicamente constituída e não pela vontade do enunciador. Nessa linha epistemológica, encontramos um sujeito capaz de deslocar-se, tornar-se observador, ao mesmo tempo em que diz intenciona na produção de efeitos de sentido em seu interlocutor. Conforme expõe Orlandi (1999), isto significa que o sujeito falante compõe a imagem de seu interlocutor para dizer-lhe o que diz, podendo até mesmo antecipar o que ele (interlocutor) pensará diante do que é dito. Nesse mecanismo de funcionamento, conforme essa autora, o discurso repousa em “Formações Imaginárias”, ou seja, formações de imagens que permitem a passagem de situações empíricas para as posições ocupadas pelo sujeito no discurso, ao que diz respeito ao socioideológico que lhe constitui e que se materializa na linguagem. Essas posições significam justamente ao contexto sócio-histórico e à memória, ao “já dito”.

A memória social, inscritas nas práticas de uma sociedade, constrói-se no meio-termo entre a temporalidade do mítico e a forte cronologia do histórico; isto por que, apesar de determinada pela

ordem do histórico, não chega a ser, como esta, uma memória construída, ordenada e sistematizada. Para enxergá-la é necessário buscar o signo da auto compreensão da sociedade para posteriormente interpretá-la. Por isso, trata-se antes de um estatuto social adquirido no corpo da coletividade que produz as condições para o funcionamento discursivo. (Pêcheux, 2002)

Vale ressaltar que os sentidos não estão nas palavras, mas antes delas e depois delas, portanto a incompletude é condição e característica da linguagem.

Sujeito e Identidade em torno de Trabalho, em poemas de Cora Coralina.

Da exposição teórica arrolada anteriormente, partiremos à análise dos poemas selecionados, corpus de nosso trabalho, extraídos da obra *Meu Livro de Cordel*, objeto de nossa pesquisa. Ressaltamos que o nosso interesse em analisar a poesia coralineana consiste em explicitar os aspectos referentes à subjetividade e identidade, atravessados pela memória discursiva.

Começaremos, como já dito, com o poema intitulado “O Cântico da Terra (Hino do Lavrador)”; por conseguinte, o poema “Era uma vez em Jabuticabal”; e finalizaremos com análise do poema “Pão-Paz”.

O CÂNTICO DA TERRA

Hino do Lavrador

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida
Sou o chão que se prende a tua casa
Sou a telha da cobertura de teu lar
A mina constante de teu poço
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranqüila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranqüilo dormirás.

estribilho

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba
Cuidemos do ninho
Do gado e da tulha
Fartura teremos
E dono de sítio
Felizes seremos

Ao procedermos à leitura desse poema, deparamo-nos com a colocação de alguns elementos reveladores da inscrição social do sujeito enunciador. Tal consideração firma-se no emprego de variados elementos concernentes a um espaço social rural, como terra, gado, e o próprio trabalhador do campo, o lavrador, conforme visto nos versos: “Eu sou a terra, eu sou a vida”; “Do meu barro primeiro veio o homem”; “Sou a espiga generosa de teu gado”; “A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu./Teu arado, tua foice, teu machado”. As características desses versos, bem como todos os outros, levam os sujeitos leitores a constituírem a imagem do espaço de enunciação do sujeito (enunciador) do poema, ou seja, a imagem de um ambiente rural, típico do interior de alguns estados brasileiros, como São Paulo, Minas Gerais, Goiás, etc.; onde há a concentração agrícola e pecuária de nosso país, isto é, grandes fazendas, plantações, criação de gado, lavradores.

Já no primeiro verso, o sujeito enunciador começa a se auto-definir, ou se auto-“identificar”. Ele diz ser a terra, ser a vida e que dele veio o homem, a mulher, o amor, etc. Percebemos, na construção desse enunciado, aspectos em comum com o discurso bíblico, mais especificamente ao encontrado no livro

do “Antigo Testamento”, quando há a narração da criação do mundo. A religiosidade está presente não apenas na identificação desse sujeito enunciador, mas em toda construção poética coralineana. Assim, podemos notar que o sujeito enunciador que ora inicia se identificando, também constrói a imagem de outros dois sujeitos. Primeiramente, há a constituição de um sujeito feminino, da mulher, posta como “Mãe universal”. Esta forma de descrever a mulher, através da colocação do substantivo Mãe, com letra maiúscula, demonstra-nos o que Authier-Revuz (2004) chamou de heterogeneidade marcada, que nos revela novamente a presença da religiosidade na formação discursiva desse poema. Essa Mãe, com letra maiúscula, remete-nos à imagem da mulher-mãe vista na bíblia, ou seja, a imagem da mulher construída neste poema retoma a imagem da mulher da formação discursiva bíblica. Dessa forma, na terceira estrofe, temos a formação da imagem da mulher, descrita como “Mãe universal”, “filha”, “noiva” e “desposada”, “a gestação” e o “amor”, esta forma de descrição da mulher assimila-se à forma como a mulher é descrita no livro cristão, a bíblia, daí dizermos que o discurso é caracterizado pela unidade e dispersão.

É preciso renunciar a todos esses temas que tem por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida. É preciso estar pronto para acolher o discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade e dispersão temporal... não remetê-lo à longínqua presença de origem, tratá-lo no jogo de sua instância. (FAUCAULT, *apud*, GREGOLIN, Maria do Rosário).

O sujeito enunciador ainda constitui a imagem de um outro sujeito, agora um indivíduo masculino, o trabalhador lavrador. O lavrador é o trabalhador que cuida da terra e por isso se torna consagrado. Somente a partir do trabalho com esta é que o sujeito trabalhador se tornará digno, conseguirá berço para seu filho e descansará no final da sua vida e conseguirá ser dono do sítio, como visto nas estrofes quatro e cinco e no estribilho do cântico.

Da construção dos sujeitos deste poema, percebemos o movimento de dupla constituição entre a linguagem e o fenômeno da interação sócio-verbal, ou o permanente diálogo entre os diversos discursos que configuram uma sociedade, como notamos pelas marcas da formação discursiva bíblica presente na formação discursiva deste poema. Portanto, há nesse texto o entrecruzamento de diferentes

formações discursivas, constitutivas do sujeito e que nos revelam uma realidade social brasileira. Em relação ao sujeito enunciador, vimos um sujeito social, descentrado de um eu, verificamos em sua voz outras vozes sociais, o que caracteriza uma heterogeneidade própria à sua constituição. Nesse sentido, na constituição do sujeito discursivo, observada pelas formações discursivas mais visíveis, apreendidas como interdiscursividade resultante do entrecruzamento entre a história, o desejo, e o poder, temos nesse poema o capitalismo (“e dono de sítio/ Felizes seremos”), a religiosidade (constituição da mulher-mãe), Amor (relacionamento fraternal), a condição social do trabalhador lavrador.

Todavia, quando trabalhamos com a leitura e a interpretação, devemos considerar esse poema, produzido em um momento histórico brasileiro, trabalha com a memória do povo “interiorano”, traz à tona elementos ruralísticos e típicos do interior dos nossos estados agropecuários.

O título do poema, “O Cântico da Terra”, logo nos sugere a determinação de uma dada religiosidade, bem como seu subtítulo “Hino do Lavrador”. Cântico se refere às antigas cantigas religiosas, como forma de poetizar as orações, hino

comumente se refere a um canto de louvor a alguém ou uma nação. Desse modo, o poema irá cantar a “terra”, poetizá-la e exaltar o trabalhador que cuida da “terra”, o lavrador.

Na segunda estrofe, o sujeito enunciador refere-se a um certo alguém determinado pela utilização do pronome possessivo “tua”. Este alguém é, posteriormente, compreendido como sendo o lavrador. Por conseguinte, nos versos oitavo, nono e décimo, o mesmo sujeito irá dizer que o trabalhador lavrador veio da terra pela mão do Criador, com letra maiúscula, podendo denominar tanto o Criador religioso, em referência ao próprio Deus, quanto o criador do campo, aquele que cria animais. Além disso, duas outras colocações nos remetem à circulação ambígua do discurso, determinada pela inscrição ideológica do sujeito. No nono verso, há a utilização da palavra “lida” em oposição à “vida”. Finalizando a segunda estrofe, ainda há a colocação da palavra Paz, também com letra maiúscula, dando-nos mais uma forma de ambigüidade. Nesse caso, Paz pode relacionar-se à ideologia religiosa, e significar a oposição Céu/ Inferno da historicidade católica, como também pode obter um sentido capitalista, de que o sujeito só consegue Paz por meio do trabalho. Assim, podemos perceber

que o discurso não é um bloco homogêneo idêntico a si mesmo, pois reproduz sempre a divisão e a contradição do interdiscurso presente em sua formação discursiva.

Verificamos que a linguagem se instaura a partir do processo de interação, conforme Bakhtin, e um enunciado, ao ser isolado de seu processo de enunciação e transformado em uma abstração lingüística, perde o que tem de essencial, a sua natureza dialógica:

Considerando o momento da enunciação e o texto produzido – enunciado, materialidade lingüística sob nossos olhos – os sujeitos autor e leitor(es) e o sujeito discursivo encontram-se em momentos sócio-históricos bastante diferentes e os sentidos produzidos pela leitura decorrem da inscrição desses sujeitos nesses diferentes momentos que dialogam. (Fernandes, 2005, p.5)

Os versos da quarta estrofe evocam o lavrador, ressaltam seus objetos de trabalho, materializando mais uma vez a ideologia capitalista: “A ti, ó lavrado, tudo quanto é meu. /Teu arado, tua foice, teu machado”, simbolizando os objetos de trabalho da parte social de menos capital, sob o predomínio da população mais abastada economicamente. No último verso dessa

mesma estrofe, voltamos a pontuar a ocorrência do dialogismo, em seguida a religiosidade ideológica: “O algodão da tua veste/ e o *pão* de tua casa.”. Há um duplo significado à palavra *pão* sublinhado neste verso: pode significar tanto o pão, alimento feito de farinha de trigo, como também pode significar o *pão* como alimento espiritual, dado à historicidade católica.

No estribilho há a colocação da voz do lavrador, que pôde ser visto através da utilização dos verbos em primeira pessoa do plural, como se estivesse formando a voz de um canto grupal. O capitalismo, nesse momento, torna-se ainda mais evidente: “Plantemos a roça. /Lavremos a gleba /Cuidemos do ninho /Do gado e da tulha”. Desse modo, esse sujeito está dizendo que precisa trabalhar (lavar). No último verso ele diz: “e dono de sítio, Felizes seremos”, isto é, este refrão descreve justamente o sistema de produção do capitalismo, o trabalho que dignifica o homem e a corrida pelo maior lucro, sempre.

Nesse sentido, a constituição identitária do sujeito trabalhador lavrador é perpassada por variados fatores heterogêneos. Daí, mais uma vez, a visão do sujeito discursivo, possuindo uma existência ideológica, inscrevendo-se historicamente,

sendo descentrado, subjetivo, polifônico, manifestando seus desejos através do inconsciente. A identidade, por sua vez, é abstraída pela maneira que o sujeito é representado, dessa forma, o sujeito é compreendido através de seu próprio “eu” e o “outro”, seu entorno, o meio social a que está inserido. Nesse gênero, podemos identificar o sujeito, primeiramente, a partir de sua ideologia. Nesse ínterim, nesse poema, podemos verificar um sujeito cuja principal ideologia se demonstra entre a religiosidade e o capitalismo.

Tanto a religiosidade, quanto o capitalismo são predizentes da relação a que o sujeito enunciador teve com outras pessoas, que veio a mediar seus valores, seus símbolos e seus sentidos, portanto a identidade ocupa o espaço entre o interior e o exterior, isto é, o particular e o público do sujeito. Ou seja, a cultura preenche o espaço de subjetivação do sujeito, que vem a ser social e por vezes inconsciente; como podemos observar, há disparidade entre a cultura religiosa e o capitalismo, que explicitamos no poema. Em primeiro plano, observamos um sujeito, trabalhador lavrador, que se preocupa em construir, juntamente com seu próximo, como vimos no estribilho do cântico pela utilização da primeira

pessoa do plural, simbolizando a forma conjunta, ou mais que uma pessoa. É interessante notar, que quando o sujeito diz “e dono de sítio”, o verbo da frase se encontra conjugado em primeira pessoa do singular “eu serei dono de sítio”.

A identidade, nesse âmbito, está sempre sendo modificada, nunca é estagnada:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...). o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente (...). a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (Hall, 2005, p. 13)

Da construção identitária do sujeito desse poema, então, vimos que sua inscrição ideológica se prende à sua cultura, explicado pelo descentramento e conseqüentemente sua subjetividade. Nesse ínterim, o que define a identidade desse sujeito são os variados elementos heterogêneos, demonstrados inconscientemente, que, por sua vez, se mantém em constante movimento. Portanto, constamos que nesse poema os fatores que constituem a identidade

do sujeito trabalhador provêm da ideologia religiosa e capitalista ora explicitada.

A análise do poema acima nos possibilitou a apresentação da formação discursiva, isto é, a explicitação da inscrição ideológica dos sujeitos encontrados, do histórico-social que envolve estas questões, bem como da identidade da palavra *trabalho* por várias vezes empregada. Desse pressuposto, partiremos à análise do poema “Era Assim em Jaboticabal”, conforme proposto em nosso plano de apresentação. Este outro poema que determinamos analisar nos chamou atenção pelos fatores similares concernentes à formação discursiva dos poemas, instigando-nos à analisá-lo sob a perspectiva dialógica e interdiscursiva em que o discurso se constitui. Desse modo, apresentaremos o poema a que nos referimos:

ERA ASSIM EM JABUTICABAL

Vou deixando a penumbra do sono.
Acordo.

Amanhece em contornos vagos
de uma luz difusa.

Perto, longe, os galos retardatários
vão orquestrando, ainda, o nascer do dia.

Um patear, deslizar de rodas
no calçamento.

Escuto o esbarro lesto.
Lestos os passos no passeio.

O girar o portão.
O desdobrar do papel
que está vestindo o pão.

Pressinto o retorno.
O trinco do portão fechado.
O pão deixado na janela.

O homem constante e laborioso,
pastor das madrugadas,
saltou da boléia do carrinho.
O animal pateou de novo rua a fora.
Vai parando agora pelas casas,
deixando em cada uma
a benção singela,
humilde e madrugadora do pão.

Vai um cântico perdido pela rua.
Música pastoral, indefinida
de reza, de abundância e de trabalho.

É a voz da terra,
misteriosa e profunda
num Salmo de amor e gratidão
ao Criador que nos deu o pão.

Da leitura desse poema, logo nos primeiros versos, verificamos elementos que nos demonstram aspectos concernentes ao espaço de enunciação do sujeito, como colocado na terceira estrofe, a que o sujeito enunciador refere-se a “galos” que cantam no amanhecer, episódio típico da cultura dos ambientes rurais: “Perto, longe, os galos retardatários/vão orquestrando, ainda, o nascer do dia.” Além disso, na sétima estrofe notamos a descrição do costume pertencido às cidades do interior, cidade pequena, do passado, o pão e o leite deixado à frente de casa todos os dias ao cantar dos galos, pelas mãos do padeiro: “Pressinto o retorno./O trinco do portão fechado./O pão deixado na janela”

O trabalhador desse poema é o homem que faz e entrega do Pão, o padeiro. Este trabalhador “homem constante e laborioso”, é chamado de pastor, que entrega a “benção singela,/humilde e madrugadora” de todas as manhãs, o Pão. Assim, podemos configurar que o sujeito enunciador desse poema, construindo a imagem de outro sujeito, o trabalhador, o faz dado a uma ideologia religiosa, como verificamos quando observamos as palavras que este utiliza para descrever o Outro, pastor e benção são palavras de cunho religioso. Nesse

sentido, o sagrado, nesse poema, está como foco de toda a estrutura poética.

Podemos verificar na nona estrofe a utilização da palavra cântico, ou seja, canção religiosa, a que o sujeito enunciador se refere no segundo verso como sendo uma música pastoral. A palavra pastoral, etimologicamente, pode ser a variação de pastor, e pastor pode significar tanto aquele que cuida de rebanhos, como aquele que dirige a palavra de Deus na terra, chamado no catolicismo de padre. Para reiterar esse aspecto, há ainda a utilização da palavra reza, advinda do último verso da estrofe e seguida à palavra trabalho dando-lhe, assim, uma identidade religiosa. Trabalho, dessa forma, adquiri uma significação sagrada, é, mais uma vez, algo que dignifica o homem, que lhe traz felicidade e fartura, “abundância”: “Vai um Cântico perdido pela rua /Música pastoral, indefinida/de reza, de *abundância* e de trabalho.”

O trabalho, na formação discursiva desse poema, se torna tão sagrado ao ponto de o sujeito enunciador dizer na última estrofe que este “É a voz da terra”. Isto é, o trabalho, nesse sentido, é que guia os homens. Podemos ainda destacar nesta última estrofe uma forma de heterogeneidade pelo emprego das palavras Salmo, Criador e Pão, que

estão utilizadas com letra maiúscula, produzindo duplicidade de sentido.

O título do poema, “Era Assim em *Jaboticabal*”, nos remete novamente à construção de um ambiente rural, caipira. O nome da cidade a que o sujeito enunciador do poema se refere seria Jaboticabal, entretanto, este coloca esta palavra do título com a letra “u” ao invés de “o”, dando-lhe, assim, a forma oral, pronunciada pela gente dessa cidadezinha interiorana, devido ao ambiente rural, o próprio sotaque caipira, como podemos perceber mediante uma breve análise sociolingüística.

Nesse poema, percebemos vários elementos que constituem o sujeito (a ideologia religiosa, o trabalho como meio de gerar capital, assim sendo, o capitalismo, o ambiente rural como forma de determinação social, visto à pronúncia diferenciada, etc.) determinando sua heterogeneidade. Além disso, percebemos a polifonia constante, como na forma dupla de interpretação das palavras, e na forma como este sujeito religioso reproduz constantemente as palavras bíblicas bem como os seus signos. Considerados esses fatores, este sujeito, portanto, constitui-se de forma descentrada e subjetiva.

Contudo, a análise desse poema perante a análise do poema efetuado anteriormente, nos mostrou pontos em comum entre as formações discursivas. Percebemos similaridades às ideologias apresentadas, bem como o espaço de enunciação, em um momento social diferente, compreendendo novos sentidos. A memória considerada como um estatuto social e como condição de funcionamento do discurso, não se inscreve como forma individual de um sujeito, assim, *a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação e implica a retomada e circulação de discursos* (Gregolin, 2002).

Os momentos históricos estão em constante diálogo, a condição a que foi atribuída ao sujeito explicita outras formações discursivas, materializadas somente nas entrelinhas. Isso posto, a construção da identidade de *trabalho* nesse poema, após nossa explicitação teórica, nos mostrou adequada à inscrição social-ideológica do sujeito, a religiosidade, o sagrado, o capitalismo.

Para finalizar o nosso trabalho, apresentaremos a análise do último poema a que nos propusemos, “Pão-Paz”.

PÃO-PAZ

O Pão chega pela manhã em nossa casa.
Traz um resto de madrugada.
Cheiro de forno aquecido, de lêvedo e de lenha queimada.
Traz as mãos rudes do trabalhador e a Paz dos campos cheios.
Vem numa veste pobre de papel. Por que não o receber numa toalha de linho puro e com as mão juntas em prece e gratidão?

Para fazê-lo assim tão fácil e de fácil entrega, homens laboriosos de países distantes e de fala diferente trabalham a terra, reviraram, sulcaram, gradearam, revolveram, oxigenaram e lançaram a semente.

A semente levava o seu núcleo de vida. O sol, a umidade, o sereno, o calor e a noite tomaram dela, e fez-se o milagre da germinação.
O campo se tornou verde em flor, e veio junto com o joio, convivente, excrescente, já vigente nas parábolas do Evangelho.

O trival amadureceu e entoou seu cântico de vida num coral de vozes vegetais.

Venham... venham... venham...
E vieram os ceifeiros e cortaram o trigo, e arrancaram e queimaram o joio.

Cortaram e ajuntaram os feixes.
Malharam e ensacaram o grão.
E os grandes barcos graneleiros o levaram por caminhos oceânicos a países diferentes e a gentes de fala estranha.

Foi transportado aos moinhos.
As engrenagens moeram, desintegraram.
Separaram o glúten escuro, o próprio e pequenino coração do trigo até as alvuras do amido de que se faz o pão alvo universal.

Transformaram a semente dourada num polvilhamento branco de leite, que é levado às masseiras e cilindros onde os padeiros de batas e gorros brancos ensinam, elaboram e levedam a massa.
Cortam, recortam, enformam, desenformam e distribuem pelas casas, enquanto a cidade dorme.

O Padeiro é o ponteiro das horas, é o vigia do forno quando a cidade se aquieta e ressona.

É o operário modesto, tranqüilo e consciente
da noite silenciosa e da cidade adormecida.
É mestre e dá uma lição
de trabalho confiante e generoso.

Pela manhã a padaria aberta, recendente,
é a festa alegre das ruas e dos bairros.
Devia ter feixes de trigo enfeitando suas portas.

É por esse tão largo, tão longo,
tão distante e deslebrado que o pão vem á nossa casa.
Ele chega cantando, ele chega rezando
e traz consigo uma bandeira branca de seis letras: Pão-Paz.

Haverá sempre uma esperança de paz na Terra
enquanto houver um sementeiro semeando trigo
e um padeiro amassando e cozendo o pão,
enquanto houver terra lavrada e o
eterno e obscuro labor pacífico do homem,
numa continua permuta amistosa dos
campos e das cidades.

Para chegar a nossa casa em ritmo de rotina,
o Pão fez sua longa caminhada na terra e nos mares.
Passou de mão em mão
como uma grande bênção de gerações pretéritas.
Pela sua presença fácil em todas as mesas,
eu vos dou graça, meu Deus.
Graças pela hóstia consagrada
que é Pão e Vida.
Pão de reconciliação do Criador com o pecador
recebido na hora extrema.

Fazei, Senhor, com que as sobras das mesas fartas
sejam levadas em vosso nome àqueles que nada têm
e que a côdea largada na abundância
nunca seja lançada com desprezo.
Haverá sempre uma boca faminta sua espera.
Graças, Senhor, pelo primeiro sementeiro
que lançou a primeira semente a terra
e pelo homem que amassou, levedou e cozeu o primeiro pão.
Graças, meu Deus, por essa bandeira branca de Paz
que traz a certeza do pão.
Graças pelas mil vezes que os Livros Santos
escrevem e confirmam
a palavra generosa e suave: Pão.

“Havia um partir de pão em casa de Onesífero quando Paulo ali entrou com seus amigos” (Epístola)

Após a leitura desse poema, logo na primeira estrofe, observamos a construção, através do sujeito enunciador, da imagem de outro sujeito. Nessa estrofe, há a descrição da entrega do pão às casas pelo amanhecer, costume dos ambientes rurais. Nesse contexto, o sujeito enunciador descreve o trabalhador que faz o Pão. Esse trabalhador “traz as mãos rudes” e a Paz para o campo cheio, através da entrega do pão que ele produz, o “Pão-Paz”. Para receber esse Pão, que é algo sagrado, devido à religiosidade atribuída a ele, o sujeito autor irá questionar o sujeito leitor se o pão deveria ser recebido de forma ritual como o mesmo efetuado na religião católica, em uma toalha de linho puro em prece de gratidão. Assim, logo nessa primeira estrofe, já percebemos a religiosidade, e o espaço campestre, isto é, a inscrição ideológica dos sujeitos se prende à religiosidade advinda do espaço rural social onde esses sujeitos se encontram. Além disso, podemos notar um constante diálogo com o discurso bíblico, como visto na descrição do ritual da entrega do pão.

A segunda estrofe do poema nos traz algo muito interessante, a descrição da história da miscigenação ocorrida em nosso país, vejamos, que nesse momento, esse aspecto concernente à

história é retomado no poema e constrói-se um novo sentido. Podemos verificar nesse novo sentido, a união de todos os povos, sem distinção, para fazer o pão, ideologia concernente à religiosidade. O trabalho, nessa estrofe, aparece em configuração como adjetivo qualificativo dos homens que fazem o pão: “Para fazê-lo assim tão fácil e de fácil entrega, homens laboriosos de países distantes e de fala diferente trabalham a terra”. Retomamos, dessa forma, a identidade religiosa com que *trabalho* aparece na formação discursiva desse poema, bem como nos anteriores, demonstrando-nos a cultura religiosa concernente ao interior brasileiro. Ainda nessa estrofe, verificamos a consagração da terra como algo santo, sagrado, pois, é dela que se obtém o trigo para que seja feito o Pão, nesse sentido, a terra é quem dá vida.

O trabalhador religioso, consagrado por ser quem faz o Pão, se torna operário na nona estrofe. O operário é o trabalhador da era moderna, pós Revolução Industrial, auge do capitalismo, esse fato corrobora a heterogeneidade constitutiva do sujeito, e nos remete à polifonia de sua voz, bem como a unidade e dispersão que o discurso possibilita. Verificamos ainda a comparação do trabalhador que

faz o pão como sendo o mestre. Nesse contexto, a duplicidade de sentido pode nos demonstrar uma heterogeneidade não marcada, significando um mestre no sentido de ser professor, ou o mestre presente na bíblia, quem dá o pão, quem o parte a seus filhos, que nos mostra o caminho correto.

O título do poema, “Pão-Paz” demonstra-nos, logo de início, o assunto a ser relatado no poema. Assim, a imagem do pão é construída diante de um diálogo contínuo com o discurso bíblico, sendo que no final do poema há uma citação bíblica, ou uma heterogeneidade mostrada. O Pão é quem traz a vida, a fartura, e a Paz, só conseguida por meio do trabalho.

Desse modo, a construção da identidade de trabalho na formação discursiva desse poema, a partir do resgate da Histórica cristã, além do social, como visto no capitalismo, mostra-nos a heterogeneidade desse objeto, formando, nesse sentido, um sujeito trabalhador descrito como quem faz o Pão: em primeira instância, o padeiro, homem comum, secundariamente, esse trabalhador se torna consagrado por produzir esse alimento, símbolo da cristandade, motivo da paz, da união, fartura, vida. Seguidamente, um trabalhador capitalista, operário, mestre; e, para

finalizar a identidade desse sujeito, ele é colocado como semeador, palavra com duplicidade de sentido no contexto utilizado, podendo significar a pessoa que semeia a semente, dado à sua etimologia, como também aquele que propaga as palavras bíblicas.

Considerações Finais

Feitas as análises dos poemas, importa-nos reiterar que o discurso está em constante diálogo com outros discursos, que têm lugar na história. Assim, podemos dizer que a formação discursiva representa o lugar de produção de sentido e de identificação do sujeito, em constante demonstração da cultura predizente de seu entorno, bem como do histórico a que ele passou, ou passa. Nesse sentido, os poemas ora apresentados possuem uma grande importância, a de explicitar a memória de um povo, bem como seus costumes, suas culturas.

Esses poemas devem ser vistos face a sua condição de produção, interpretados fora da *esfera individual do sujeito psicológico*, dentro de um corpo sócio-histórico, constituindo o espaço de memória. Em nossa perspectiva teórica, esse fato refere-se a

acontecimentos e interdiscursos, anteriores e exteriores ao texto, repercutindo em materialidades, que intervêm em sua construção, portanto, da análise da materialidade lingüística, verificamos traços que formam uma memória sócio-histórica.

Para que fossem compreendidos os discursos acima analisados, foi necessário sair de sua materialidade lingüística, para compreendê-lo na sua exterioridade, no social, lugar em que o lingüístico, assim como o histórico e o ideológico estão em constante relação de contraposição, materializado no discurso. Nesse sentido, o discurso possui existência na exterioridade do lingüístico, ou seja, no social, assim, o social, o histórico e o ideológico o constituem. Como atesta Fernandes (2005), no social, há diferentes discursos devido às variadas posições ideológicas dos sujeitos, daí os conflitos, as contradições, ao falar o sujeito se inscreve em *uma* posição socioideológica; enunciando a partir desta, sua voz se constitui de várias outras vozes, cujas existências encontram-se na exterioridade do lingüístico. Uma formação discursiva contém elementos advindos de outras formações discursivas, que por vezes se contrapõem.

A identidade, por sua vez, é abstraída a partir da forma que o sujeito é interpelado, isto é, por sua inscrição ideológica, compreendendo a relação entre o próprio sujeito e seu exterior, a sociedade, o poder, os valores, o simbólico, *a cultura*; sempre em processo de produção e transformação.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a Transparência e a Opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- BRANDÃO, Helena. H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: EDUNICAMP, 1995.
- CANDIDO, Antônio. *A Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999. 2v.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Lingüística e História: formação e*

- funcionamento discursivos. In: ____;
SANTOS, João Bôsko Cabral. *Análise do Discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: EntreMeios, 2004. (p. 43-70)
- _____. Os sujeitos e os discursos na História. In: FERNANDES, Cleudemar Alves et al. *Sujeito, Identidade e Memória*. Uberlândia: EDUFU, 2004 (Linguística in Focus) (p. 108-119).
- _____. Terra: um Signo Plural. In: FREITAS, Alice Cunha; CASTRO, Maria de Fátima F. Guilherme. *Língua e Literatura – ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2003. (p. 109-122).
- _____. A Constituição da Análise do Discurso na Linguística. In: FIGUEIREDO, Célia Assunção, et al. (orgs.). *Lingua(gem): Reflexões e Perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003. (p. 33-46).
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Faucault e Pêcheux na construção da Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Clara Luz, 2004.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1993.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- POSSENTI, Sírio. *Sobre as Noções de Sentido e de Efeito de sentido*. In: Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília: UNESP, 1997.